

## **O Jornal Laboratório Como Espaço de Formação: a experiência da Ufac<sup>1</sup>**

Larissa Costa da Silva SILVA<sup>2</sup>  
Wagner da Costa Silva<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Acre – Ufac

### **RESUMO**

A produção de um jornal laboratório é momento importante na formação de um jornalista. Espaço de aplicação de técnicas, diálogo de teorias, reconhecimento do cotidiano do profissional da comunicação. Este artigo se volta para discussão do jornal laboratório como espaço de formação, de experimentação de novos formatos, de criação de novas possibilidades. Toma-se o Jornal Laboratório A Catraia, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre, como protagonista para aprofundamento das questões que norteiam a pesquisa. Como procedimento metodológico foi realizada a leitura de textos que abordam o assunto e entrevistas com quatro alunos que já passaram pela disciplina de Redação Jornalística III, espaço de produção do jornal em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal laboratório; Ensino de jornalismo; A Catraia; Ufac

### **Introdução**

A relação teoria e prática no ensino de jornalismo sempre esteve no centro de inúmeras discussões. No ano de 1935, a primeira iniciativa de implantação do curso superior para a área, na Universidade do Rio Janeiro, já tinha a preocupação de disponibilizar aos alunos o ensino prático não esquecendo do embasamento teórico, aspecto fundamental para o campo. Lopes (1989), em seu estudo, ancora-se em pesquisa do professor José Marques de Melo sobre o ensino de jornalismo no Brasil que o divide em quatro momentos distintos: ético-social, técnico-editorial, político-ideológico e crítico-profissional.

Assim, da década de 50 até meados da década de 60, as universidades de Jornalismo vivem o momento ético-social, período marcado pelo predomínio da corrente deontológica e jurídico-social. A revolução de 64 é divisor entre o momento ético-social e o técnico-editorial, que tem a atenção dos professores e alunos voltada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado a IJ8 – Estudos Interdisciplinares em Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Acadêmica do sétimo período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. Email:

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. Email: wagnercostas@hotmail.com

para a técnica jornalística. Já na década de 70, com as eleições parlamentares de 74, as universidades de Jornalismo entram no momento político-ideológico, que vai orientar e determinar o processo de captação, codificação e difusão da notícia. Esse momento também leva a reflexão sobre a regulamentação da profissão de jornalista e as argumentações sobre a falta de infraestrutura dos cursos para a formação de profissionais.

Em meio a toda essa polêmica, a comissão de Conselho Federal de Educação, acusada de pretender o fechamento dos cursos, assumiu outra postura: a melhoria dos cursos de Comunicação. Ficou claro, entretanto, desde o início, que a defesa dos cursos dependia fundamentalmente das melhorias que a própria Universidade pudesse implantar. Paralelamente, estudantes e professores passaram a debater diferentes medidas para melhorar os cursos. (LOPES, 1989, p. 22)

Esses acontecimentos são o pano de fundo para um novo momento nas universidades de Jornalismo definido como crítico-profissional, que se pauta na articulação teórico-prática. Assim, por meio da Resolução nº 03/78 do Conselho Federal de Educação, que consolida o currículo mínimo para o curso de Comunicação Social, fica definido que as universidades devem possuir órgãos laboratoriais, que para a habilitação em jornalismo são: redação modelo, oficina gráfica, sala de diagramação, laboratório fotográfico, laboratório de rádio, tele e cine jornalismo, hemeroteca.

Porém, apesar da relevância dos órgãos laboratoriais como espaços fundamentais para a pesquisa e a reprodução ou inovação da prática jornalística, Lopes (1989) destaca que era preciso ficar atento ao ensino extremamente técnico, o que leva uma inversão do que estava sendo realizado a princípio nas universidades de Jornalismo que eram voltadas com mais vigor para a teoria.

Algumas escolas caem nessa prática estreita, induzindo o aluno a fazer notícias, reportagens, comentários e até editoriais sem ter um embasamento teórico para poder exercitar o texto jornalístico e compreender porque é feito um determinado texto. É levado apenas a reproduzir o modelo vigente e não raciocina sobre suas estruturas, suas implicações políticas. (LOPES, 1989, p. 34)

Assim, é fundamental entender o órgão laboratorial não como instrumento de reprodução da prática jornalística atual, mas como um veículo para a criação de novos modelos, um espaço de experimentação, no qual professores e alunos possam fazer fruir o jornalismo, um espaço de diálogo entre teoria e prática, para que ocorra o que Meditsch chama de “miopia tecnicista”.

Uma doença ocular comum entre os profissionais que se tornam professores de jornalismo, e tem como principal característica a negação da possibilidade teórica: não é capaz de distinguir entre a teoria relevante e o verbalismo acadêmico e, em consequência, rejeita a literatura e ignora a tradição em que poderia se apoiar. A miopia tecnicista de muitos de nossos colegas não critica, e portanto não cria: apenas se deslumbra e reproduz o que acha bonito. Tem suas referências nos manuais técnicos, cujas razões de ser (o logos por trás das técnicas) não compreende. Em consequência, torna-se rapidamente desatualizada, não resiste à crítica, e não defende o território do jornalismo na academia, perdendo aquilo de que se acreditava proprietária. (Meditsch, 2007)

É importante, ainda, que a produção do jornal seja marcada pela reflexão, de formatos, de técnicas, de processos, de leituras do que tem acontecido no mercado de trabalho também, não apenas um espaço repetidor de formas cristalizadas.

### **Jornal Laboratório: uma discussão**

Um dos instrumentos fundamentais para que os estudantes possam colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas é o jornal-laboratório, que de acordo com Lopes (1989), teve seu conceito definido no VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais impressos, realizado na Faculdade de Comunicação de Santos, em 1982.

O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional. (LOPES, 1989, p. 50)

O jornal laboratório é um instrumento que possibilita a experimentação. Assim, ao ser implantado, alguns pontos importantes devem ser considerados, como: quem faz, para quem é feito, como fazer, qual o papel do professor, qual o papel do aluno, quais as condições materiais, qual a abordagem, os temas que serão tratados, a forma, a distribuição, discussão do trabalho realizado, entre outros.

Uma das questões bastante discutidas com relação ao jornal-laboratório é a questão editorial. Assim, fica a dúvida de quem determina a linha editorial do jornal laboratório, seria a faculdade ou o professor? Ou seria melhor deixar em aberto para a discussão entre alunos? Esses questionamentos trazem outras perguntas fundamentais:

1) Seria melhor mostrar aos alunos todos os tipos de definição editorial, deixando a seu critério optar por um dele? 2) Seria preferível colocar em prática, sob forma de rodízio, cada um desses tipos? A criação de um conselho editorial só de alunos, renovável, não daria maior responsabilidade

e eficiência a esse campo? A constituição de um conselho editorial com participação de professores, alunos e até leitores, não seria ideal? É possível estabelecer uma linha editorial rígida, considerando que as classes são formadas por alunos de várias tendências e que não seria democrático impor a nenhum desses segmentos uma determinação rigorosa? (LOPES, 1989, p. 51)

Em pesquisas realizadas durante o I e II Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais (ENOL-CJ), em São Paulo e Uberaba, respectivamente, ficou confirmado que na maioria das universidades quem definia o conteúdo e a forma das publicações eram professores e alunos, ambos prevalecendo como editores dos jornais.

Outro ponto de atenção com relação ao jornal laboratório é não permitir que o jornal privilegie os interesses da comunidade docente, da comunidade estudantil ou mesmos das administrações universitárias. Portanto, a linha editorial do jornal laboratório deve ser determinada a partir da comunidade que será o público do veículo, é preciso que exista um consenso entre os que produzem e os que recebem o jornal.

Assim, é importante que os jornais laboratório se originem de um público definido e que os alunos estejam próximos desse público para ter um *feedback* das matérias. Durante o VII Encontro de Jornalismo Regional sobre Órgãos Laboratoriais Impressos, foi definido três tipos de público para os jornais-laboratórios: interno – público formado pela população acadêmica da própria universidade, que seriam, alunos, professores, dirigentes e funcionários; externo – público formado pela população de uma região, bairro ou grupo mais específico de pessoas; e misto – quando atinge parcial ou totalmente segmentos dos dois primeiros públicos (Lopes, 1989).

Só um jornal-laboratório com público definido e fora da sala de aula será capaz de vencer um dos problemas mais comuns nesta atividade: a interrupção a cada período de férias (o que descaracteriza o órgão como periódico) ou as bruscas mudanças da linha editorial e conteudística que sofre com a mudança das turmas discentes. (LOPES, 1989, p.57)

Desta forma, o jornal laboratório é o principal instrumento para a conexão da teoria com a prática do jornalismo, permitindo que o aluno participe de reunião de pauta, produza matérias, além de possibilitar o contato com a programação visual de um jornal. Esse instrumento vai “integrar os alunos na problemática da futura profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também na prática do dia-a-dia das redações” (LOPES, 1989, p.49).

## **A Catraia: um jornal em construção**

A *Catraia* é o nome do jornal laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre. O nome foi definido por meio de um concurso, onde toda a comunidade acadêmica do curso teve a oportunidade de contribuir com sugestões. Após as sugestões, os três nomes mais votados foram selecionados e *Catraia* estava entre eles. O nome foi uma sugestão do professor de filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Mauro Rocha, que propôs o nome devido a regionalização e a questão do fluxo, pois a catraia é uma embarcação de pequeno porte semelhante a uma canoa que funciona como transportes nos rios.

A primeira edição do jornal *A Catraia* foi publicada em dezembro de 2004 e teve uma tiragem de 200 exemplares que foram distribuídos pelos alunos. A primeira turma do curso de Jornalismo foi responsável pela edição, que foi produzida quando a turma estava no sétimo período, como uma atividade de extensão.

Ao longo dos anos o jornal *A Catraia* esteve sob a responsabilidade de vários professores na disciplina de Redação III, entre eles: Juliana Lofêgo Encarnação, Wagner da Costa Silva, Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Franciele Maria Modesto Mendes e Giselle Xavier d'Avila Lucena.

A professora Juliana Lofêgo<sup>4</sup>, uma das fundadoras do jornal *A Catraia*, aponta a mudança de professores a frente do jornal como uma das dificuldades enfrentadas pelo jornal laboratório. Segundo ela, essa mudança interfere na identidade do jornal. A professora também explica que a constante mudança de professor está relacionada com o afastamento dos docentes para a realização de cursos de mestrado e doutorado.

Para a professora Giselle Lucena<sup>5</sup>, é importante que as disciplinas que antecedem o jornal *A Catraia* tenham uma rotatividade de professores, pois assim, é possível criar no estudante de jornalismo uma opinião crítica sobre as formas de fazer jornal.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida pela professora Juliana Lofêgo para a aluna Daiane Lopes em 2016.

<sup>5</sup> Entrevista concedida pela professora Giselle Lucena para a aluna Daiane Lopes em 2016.

Outro problema que o jornal enfrenta diz respeito a exigência do Ministério da Educação de que seja produzida quatro edições do jornal por semestre. Porém, devido a dificuldades que o curso enfrenta, como a estrutura básica para as disciplinas, que nem sempre permite um suporte para diagramação e impressão do jornal, é produzido por semestre uma a duas edições. Lofêgo recorda que a falta de compromisso dos alunos para o cumprimento das datas estabelecidas para produção e revisão das matérias jornalísticas é uma das dificuldades enfrentadas para a publicação das quatro edições por semestre.

O professor Wagner da Costa<sup>6</sup>, ainda acrescenta que a produção do jornal também é prejudicada pela carga horária disponível para trabalhar, que não é suficiente. Segundo o professor é importante que a primeira parte da disciplina seja voltada para as questões teóricas, como debater o objetivo da disciplina, porém, com a carga horária estabelecida, as aulas ficam sem aprofundamento.

Portanto, como estratégia para o melhor aproveitamento da disciplina, os docentes faziam uso das primeiras aulas para apresentar e introduzir a metodologia utilizada durante o semestre. E depois de ser apresentada a parte teórica de um jornal, todos os alunos contribuía com as decisões de qual seria o objetivo do jornal, o formato, o público alvo, editorias, equipe e nome.

Os professores entrevistados por Lopes (2016), também afirmaram que a escolha da linha editorial do jornal *A Catraia* é sempre decidida entre a turma. O que acarreta na mudança da linha editorial a cada semestre, pois algumas turmas que são mais críticas, envolvidas com política, outras produzem mais matérias comportamentais, assim, cada turma imprime sua identidade no jornal.

O curso tem uma proposta de Manual de Redação para o Jornal Laboratório *A Catraia* (2013) onde está estabelecido os objetivos do periódico, que são: ser político e crítico; ter compromisso com a verdade; ser levado a sério; abrir para a comunidade; estar em contato com a população; ser didático, explicar, educar. Também está definido no Manual que o público alvo do jornal é a comunidade acadêmica e comunidades vizinhas à Ufac – Tucumã, Universitário, Jardim Primavera, Rui Lino e Mocinha

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida pelo professor Wagner da Costa a aluna Daiane Lopes em 2016.

---

Magalhães incluindo, assim, professores, estudantes, comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais e donas de casa.

Ainda segundo a proposta do Manual de Redação do Jornal Laboratório A Catraia (2013), a rotina de produção do periódico deve cumprir as seguintes ordens: reunião de pauta com todos os alunos e professores (e distribuição de tarefas), reunião de editoriais – definição dos espaços e imagens, entrega das matérias, primeira reunião com os docentes – correções, primeiro espelho das editoriais, entrega das matérias e fotos definitivas, projeto gráfico definitivo, fechamento, distribuição e avaliação.

Essa rotina estabelecida é seguida durante a produção do jornal, assim, segundo a professora Juliana Lofêgo, após a apresentação da parte teórica do jornal laboratório, as aulas passam a funcionar como uma redação, onde são realizadas as reuniões de pauta e todos os outros passos até chegar a distribuição e avaliação do periódico.

É importante destacar que a revisão das matérias e a diagramação do jornal é feita de forma coletiva, ou seja, conta com a participação de uma quantidade significativa de alunos. Essa metodologia foi trazida pelo professor Wagner da Costa quando retornou do doutorado, e possibilita que todos aprendam com os erros dos outros.

Apesar de duas edições do Jornal A Catraia terem saído com o formato de oito páginas, devido alguns problemas de estrutura, equipamento, recursos e quantidade de alunos, a ideia é que o periódico mantenha o formato de doze páginas. E tenha a identidade da turma que está produzindo o jornal.

### **A Catraia: diferentes olhares por quem fez**

Para a construção deste artigo foram ouvidos quatro alunos de turmas diferentes que já tinha passado pela experiência de construção e produção do jornal laboratório A Catraia e, antes da produção do jornal, vivenciaram a experiência jornalística em estágios. Os estudantes responderam um questionário com quatro perguntas. As questões diziam respeito, primordialmente, às contribuições do jornal laboratório para a formação dos acadêmicos.

O primeiro questionamento feito aos alunos, dizia respeito à liberdade para a produção de textos no jornal A Catraia, se comparado com o processo de produção dos



veículos nos quais já tinham trabalhado. O fato do jornal ser pensado pelos estudantes de forma coletiva, foi um ponto de ligação entre o discurso de todos. Além do mais, destaca-se a liberdade na produção dos textos e escolhas de pautas.

A Catraia é um jornal laboratorial e seu processo de criação é baseado no trabalho coletivo e experimental. Mesmo sendo produzido por estudantes do curso de Jornalismo da Ufac e direcionado à comunidade acadêmica, não é um jornal institucional, tampouco pretende fazer assessoria de imprensa para a universidade. As pautas surgiram a partir de um questionário entregue a estudantes, técnicos e professores, por meio do qual eles disseram o que gostariam de ver retratado no jornal. (DePaula, 2017, entrevista)

As pautas eram mais abertas, podíamos “brincar” mais com o texto, títulos e chamadas, fazer algo diferente que acreditávamos que chamava a atenção do público leitor, porém, sempre seguindo a ética jornalística. (Moreira, 2017, entrevista)

Quando eu estive no jornal laboratório, a gente construiu todo um processo em conjunto. Primeiro a gente decidiu o que seria feito no jornal laboratório. Com a minha turma foi feita uma divisão de grupos e nessa divisão de grupos ficou de se produzir um jornal mesmo, um impresso e uma revista. Eu fiquei no grupo que foi responsável pela produção da revista. Então, a gente participou desde o início, pensar e decidir o que fazer, jornal, revista ou os dois juntos, aí decidimos por isso. A outra etapa foi o que a revista vai tratar, a gente foi pensando em vários assuntos e a gente foi construindo. Então, a gente tinha essa liberdade de a gente pensar nas pautas, a gente pensar no que escrever, a gente pensar nos personagens, a gente pensar em que direcionamento dar. (Oliveira, 2017, entrevista)

Percebe-se, na fala dos estudantes, que o fato do jornal ser pensado de forma coletiva é um traço que o diferencia dos demais jornais. Quando chegam ao mercado de trabalho esses futuros jornalistas encontram uma estrutura já em andamento, no caso do A Catraia, o jornal está em constante processo de construção, ganhando contornos a partir da interação entre os alunos, professores e a comunidade. Essa interação é um importante fator para que o jornal interfira na comunidade ou comunidades para as quais ele se volta. Para DePaula, o jornal se diferencia de outros veículos por ter o seu processo de criação “baseado no coletivo”, já Oliveira destaca o fato do jornal ser “construído em conjunto”. A produção coletiva faz parte do processo crítico de formação do jornalista, que deve conhecer a realidade do jornalismo atual, e discutir possibilidades para o futuro.

Destaque-se a fala do aluno DePaula, quando ele comenta que “o jornal não é institucional, não pretende fazer assessoria para a universidade”. Este comentário



mostra que o periódico é um veículo independente, livre para deixar que os alunos escrevam ou decidam os temas que devem ser divulgados. Este pensamento alinha-se ao que discute Lopes (1989), quando fala que os jornais laboratórios não podem se tornar órgão de divulgação das instituições que pagam pela sua impressão.

A segunda pergunta da pesquisa, indagava os alunos sobre se o jornal repetia ou não, fórmulas cristalizadas nos meios de comunicação, como a pirâmide invertida.

Procurávamos sempre seguir a ética e fórmulas de jornalismo, como a pirâmide invertida, até porque deixa o texto mais sucinto para o leitor. Também buscávamos ouvir quantas fontes eram necessárias e apresentar todos os lados. Porém, como citei lá em cima, a diferença do Catraia é que tínhamos mais liberdade de deixar o texto mais leve, “brincar” mais, o que muitas vezes os meios de comunicação não permitem. (Moreira, 2017, entrevista)

É difícil um veículo de comunicação não repetir certas fórmulas, não reproduzi-las novamente. E a pirâmide invertida é uma das mais populares, uma das mais utilizadas. Mas o jornal A Catraia não se prendia a ela, tem veículos que realmente se prendem e tem ali como um livro de receitas, escreve o lide desse jeito, a pirâmide invertida e assim sucessivamente. Mas o A Catraia, ele reproduzia claro algumas vezes, mas não se prendia a essa forma. As vezes ele começava com o nariz de cera e tudo o mais. É variado. (Carneiro, 2017, entrevista)

Acho que não. Por ser um jornal laboratório a gente sempre procura alternativas diferentes do que a gente está acostumado a ter no mercado. Então, eu vejo A Catraia como um jornal laboratório que sempre procurou fazer algo alternativo mesmo ao jornalismo comum que a gente está habituado no dia-a-dia. Sempre procurou pautas interessantes, a forma de tratar essas pautas, ser algo mais cuidadoso, algo mais bem trabalhado, algo mais que chame atenção mesmo do público. Então, sempre foi algo que eu acho que não reproduz o que está no dia-a-dia, acho que procura se diferenciar. Eu acho que essa procura é motivada tanto pela vontade de fazer diferente dos alunos e professores como pelo tempo disponível que a gente tem para poder trabalhar essas alternativas. (Oliveira, 2017, entrevista)

Este ponto da pesquisa mostra que os alunos reconhecem técnicas como a da Pirâmide Invertida elementos importantes para o fazer jornalístico, no entanto reconhecem que a produção de um jornal laboratório volta-se para a busca de alternativas para o modelo que, muito se discute atualmente, está ultrapassado para algumas mídias. Na fala de Oliveira, destaque-se o momento em que o acadêmico fala que as mudanças são motivadas “tanto pela vontade de fazer diferente dos alunos e professores como pelo tempo disponível que a gente tem para poder trabalhar essas alternativas”, o que demonstra que o jornal cumpre a sua função crítica de repensar o

jornalismo que temos atualmente, bem como o compromisso de promover o aperfeiçoamento das práticas já existentes.

A terceira pergunta do questionário aplicado para a produção deste artigo, procurava discutir as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos no momento produção dos textos. As observações, muitas vezes, dependem do papel que eles desempenham no processo de produção, tendo em vistas que a estrutura do jornal é definida por funções de repórter, editor, fotógrafo e diagramador.

A maior dificuldade não está relacionada à produção de texto e sim à edição do jornal. Como editor, era preciso pensar o jornal na sua totalidade, com todas as matérias, a foto ilustrativa de cada uma delas, os recursos gráficos da diagramação. Esse trabalho é necessário para chegar a um consenso sobre o produto final, sem deixar de atender as expectativas de cada um. (DePaula, 2017, entrevista)

A principal dificuldade na etapa de produção do texto foi tentar fugir daquele texto comum. Pensar um texto que não fosse tão informal, mas que também não fosse tão sisudo e blocado, como se fosse de um jornal impresso mesmo. Então, a dificuldade foi essa, de pensar como escrever um texto atraente, um texto que soasse leve, mas profundo ao mesmo tempo, um texto bem trabalhado. E um texto também que fugisse do comum. Eu acho que essa foi a principal dificuldade que eu encontrei, de pensar como eu conseguiria chamar atenção do meu leitor a partir da minha visão como leitor, como consumidor de notícias. Então, eu pensava toda hora do que eu gostava de ler nos jornais, quais textos eram legais e eu pensava em como fazer uns textos de uma forma atrativa, mas bem trabalhada, bem construída. (Oliveira, 2017, entrevista)

A maior dificuldade era conseguir os personagens. Infelizmente, quando dizíamos que era para um jornal universitário, as pessoas não levavam muito a sério, por isso tínhamos que procurar muito e muitas vezes insistir bastante para que nos atendessem. (Moreira, 2017, entrevista)

Percebe-se nas falas dos alunos, que o jornal cumpre a sua missão de ser um veículo que os aproxime da realidade vivenciada pelos jornalistas em seu cotidiano. Isto fica evidente nas palavras de Moreira, ao falar que “a maior dificuldade era conseguir os personagens. Infelizmente, quando dizíamos que era para um jornal universitário, as pessoas não levavam muito a sério”. Para DePaula, editor da turma de 2016, a dificuldade era pensar não apenas o texto, mas o jornal como um todo, função que cabe ao editor. Por outro lado, Oliveira já ressalta a dificuldade em escrever um texto informal, mas que seja informativo, desafio que deve ser enfrentado por jornalistas que buscam atingir um maior público.

A última pergunta buscou discutir se o jornal A Catraia cumpre o papel de fazer o aluno se sentir livre para ousar no momento da escrita de textos. Os estudantes ouvidos, concordam que o jornal cumpre esse propósito de permitir novos ângulos para o fazer jornalístico.

Eu acho que A Catraia permite sim esse papel de dar um pensamento mais livre para os alunos. Porque é a última etapa das disciplinas de redações, que é redação III, e a gente já viu tudo que tem no mercado, como é o texto jornalístico. Eu acho que é a oportunidade da gente por em prática aquelas alternativas que a gente sempre apresenta durante as aulas de redações. Todos aqueles pensamentos críticos que a gente tem e quando chega no jornal laboratório é a oportunidade de concretizar. Tudo aquilo que a gente pensou, tudo aquilo que a gente já criticou e deu alternativas para que seja feito melhor. Então, ele permite esse pensamento livre, para a gente pensar diferente e fazer diferente, ele oportuniza os dois. Isso que é o bom do jornal laboratório, porque você não fica só no campo das ideias você pode partir para a prática. (Oliveira, 2017, entrevista)

A Catraia não tem espaço para publicidade, portanto, os estudantes não precisam se preocupar em atender os interesses de quem paga pela publicação. Isso faz toda diferença no processo criativo. E por ser um trabalho coletivo, todos os envolvidos participam de todas as etapas de elaboração do jornal, como acontece na reunião de pauta, na escolha dos editores, na decisão da matéria que será manchete e nos ajustes de diagramação. (DePaula, 2017, entrevista)

De permitir o pensamento mais livre, eu creio que estimula sim essa produção fora da caixinha, digamos assim. Procurar novos ângulos, pensar notícias que ainda não tenham sido exploradas ou um assunto mesmo explorado de um ângulo inesperado. Mas a questão não é por ser um jornal até laboratório mesmo, tem muito experimentalismo também, toques de experimentalismo, perdão. Mas não tem como fugir muito da estrutura de jornal mesmo. Tem um foco, tem que ter a coesão textual, tem que ter a imparcialidade, o texto tem que primar pela ética correta, fontes ok, informações averiguadas, fontes checadas. Mas eu creio que permite essa exploração mais livre sim, do texto. Tem a revisão, tem a edição, tem o filtro ali do editor do jornal. Mas eu creio que permite sim, justamente por ser um jornal laboratório, tem essa liberdade. (Carneiro, 2017, entrevista)

A fala dos alunos está atravessada por um discurso que reconhece a produção do jornal laboratório como um espaço de criação mais livre. Um espaço em que eles podem experimentar, dar novas leituras para conteúdos que não encontram espaço na mídia tradicional que, muitas vezes, tem sua produção pautada em interesses econômicos ou políticos por parte daqueles que contribuem com a manutenção do jornal pagando espaços publicitários. Pode-se perceber isto na fala do acadêmico DePaula ao comentar que “A Catraia não tem espaço para publicidade, portanto, os estudantes não precisam se preocupar em atender os interesses de quem paga pela publicação”. A relação com as demais disciplinas de Redação Jornalística surge nas palavras de Oliveira, o acadêmico destaca que “o A Catraia permite, sim, esse papel de dar um pensamento

mais livre para os alunos. Porque é a última etapa das disciplinas de redações, que é redação III”.

### **Considerações finais**

O debate sobre a relação entre a prática e a teoria sempre esteve presente nos cursos de Jornalismo. Porém, quando o curso foi criado no Brasil era voltado para a área teórica. Com o passar dos anos e com os debates que surgiram tanto na área acadêmica, como no mercado de trabalho, os cursos foram obrigados a disponibilizar instrumentos e laboratórios que permitissem o desenvolvimento da prática durante a vida acadêmica.

O jornal laboratório é um dos instrumentos que permitem a prática do jornalismo, além de ser um espaço de experimentação, para a criação de novos modelos. No Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac, essa prática é desenvolvida por meio do Jornal Laboratório A Catraia, que teve sua primeira edição publicada em dezembro 2004.

Para refletir sobre a atuação do A Catraia, foi realizada entrevista com quatro alunos de turmas diferentes que passaram pela disciplina jornalismo III, onde o jornal é desenvolvido. Esta pesquisa mostra que o jornal A Catraia permite a liberdade para a produção de textos, algo importante em veículo que se presta a formação de profissionais. Destaca-se, também, o fato do jornal ser pensado de forma coletiva pelos acadêmicos, o que permite uma visão mais global sobre o processo de produção de conteúdos para meios impressos.

Os alunos reconheceram que o jornal permite a busca de alternativas para o modelo atual do fazer jornalístico, cumprindo a sua função crítica de repensar o jornalismo e promover o aperfeiçoamento das práticas existentes. Além disso, por meio das respostas dos alunos entrevistado foi possível averiguar que o jornal laboratório permite a aproximação do acadêmico com a realidade vivenciada pelos jornalistas no seu dia-a-dia.

Percebeu-se, também, que o Jornal Laboratório A Catraia cumpre o papel de fazer o aluno se sentir livre para ousar no momento da escrita de textos. Sendo um espaço onde é permitido experimentar e criar, premissa básica dos veículos laboratoriais.

## Referências

CARNEIRO, Astorige. Entrevista concedida à Larissa Costa da Silva. Rio Branco, 6 de março de 2017.

DEPAULA, Bleno Caleb. Entrevista concedida à Larissa Costa da Silva. Rio Branco, 6 de março de 2017.

LÔFEGO, Juliana Encarnação. Entrevista concedida à Daiane Lopes Pereira. Rio Branco, 11 de abril de 2016.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo: Summus, 1989.

LUCENA, Giselle Xavier d'Avila. Entrevista concedida à Daiana Lopes Pereira. Rio Branco, 8 de abril de 2016.

MOREIRA, Marcia. Entrevista concedida à Larissa Costa Silva. Rio Branco, 6 de março de 2017.

MEDITSCH, Eduardo. **Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação.** REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007.

OLIVEIRA, Luan Cesar de Oliveira. Entrevista concedida à Larissa Costa da Silva. Rio Branco, 6 de março de 2017.

SILVA, Wagner da Costa. Entrevista concedida à Daiane Lopes Pereira. Rio Branco, 18 de maio de 2016.